

A Socialização*

Anton Pannekoek

Nos primeiros meses que se seguiram à Revolução Alemã de novembro de 1918 é quando surgiu o grito de “socialização!”. Era uma expressão da vontade das massas de dar à revolução um conteúdo social e que não ficasse somente na troca de pessoas ou uma mera transformação do sistema político. Kautsky advertiu contra uma socialização demasiada rápida para a qual a sociedade não estava ainda preparada. Os mineiros propuseram a socialização como uma reivindicação de sua greve – como fizeram recentemente os mineiros ingleses. Foi formada uma comissão de investigação sobre a socialização, porém a influencia secreta e o governo sabotaram suas decisões. Para a maioria, o governo socialista, a socialização é apenas uma frase, um meio para mobilizar os operários; todos já sabemos que abandonaram os fins e os princípios originais do socialismo. Porém, os independentes seguiam sendo fiéis guardiões da doutrina socialista anterior; eles acreditam sinceramente nela com respeito ao programa de socialização. Assim, é interessante estudar este programa com o propósito de caracterizar essa tendência radical que existe dentro da social-democracia de todos os países, junto aos socialistas governamentais ou contra eles.

Socialização e Social-Democracia

Quando os operários reivindicam a socialização, pensam indubitavelmente no socialismo, em uma sociedade socialista e na supressão da exploração capitalista. Nós veremos se o mesmo significado existe para os dirigentes socialistas atuais. Marx nunca falou de *socialização*. Falou de expropriação dos expropriadores. Das duas transformações principais provocadas dentro da produção pelo socialismo, a supressão da exploração e a organização do sistema econômico, a primeira é a principal e mais importante para o proletariado. Poder-se-ia conceber uma organização da produção sob

* Tradução de Nildo Viana. Texto publicado originalmente em Die Internationale, em setembro de 1919, ou antes de Pannekoek aderir ao comunismo de conselhos. Este é um texto, portanto, pré-conselhistas.

uma base capitalista; conduziria então ao socialismo de Estado, a uma escravidão e exploração mais completa do proletariado mediante a força centralizada do Estado. A supressão da exploração com uma produção dispersa era o ideal dos velhos cooperativistas e anarquistas, porem, onde a supressão da exploração ocorre, como na Rússia comunista, deve-se lidar imediatamente com a organização da produção.

Onde os social-democratas lançam suas bandeiras gerais com o objetivo de preparar a legislação prática é onde podemos ver mais claramente o que a socialização significa para eles. Este foi o caso em Viena, onde os “marxistas” Renner e Otto Bauer estavam encarregados. De uma conferência apresentada por Bauer em 24 de abril, em uma assembleia de dirigentes sindicais, podemos extrair os argumentos com os quais buscava fazer que estes delegados dos operários adotassem seus planos. Para socializar a grande indústria, declarou, e para remover os capitalistas, é necessária, em primeiro lugar, a expropriação. “Nós tomamos deles as empresas”, e deve seguir-se a isso a organização da nova administração. A expropriação não deve ser realizada sem compensação, pois em seguida é obrigado a confiscar todo o capital, incluindo os bônus de guerra. As cadernetas de poupança iriam à bancarrota, os pequenos fazendeiros e empregados perderiam suas poupanças e disto emergiriam certas dificuldades internacionais. Deste modo, é “impossível obter um confisco honesto da propriedade capitalista”. Os capitalistas serão, portanto, compensados. Um tribunal estabelecerá a soma da compensação que “deve fixar-se de acordo com o valor durável, no qual não devem ser contabilizados os lucros de guerra”. A compensação será paga em títulos governamentais que receberam do Estado a uma taxa de juros anual de 4%. Certamente, ele reconhece, na sua conclusão, que esta não é ainda uma socialização completa, pois o capitalista anterior sempre receberá o lucro de sua empresa como uma renda. “A eliminação gradual disto é um problema de legislação fiscal e, talvez, da transformação do direito de herança”; após várias gerações de rendas não produzidas pelo trabalho, poderão desaparecer completamente.

Para esclarecer os princípios que formam a base dos planos de socialização dos social-democratas, é necessário considerar mais de perto a essência da propriedade capitalista e da expropriação econômica.

Socialização e Capitalismo

O dinheiro, como o capital, tem a habilidade de multiplicar-se continuamente através do mais-valor. Qualquer um que transforme seu dinheiro em capital e o coloque na produção, recebe sua porção do mais-valor total produzido pelo proletariado mundial. A fonte do mais-valor é a exploração do proletariado; a força de trabalho recebe menos do que produz. O dinheiro e a propriedade, desse modo, não só adquirem um novo significado dentro do regime capitalista, mas também se convertem em nova norma.

No mundo pequeno-burguês, o dinheiro é a medida do valor do tempo de trabalho necessário para a fabricação de um produto. Como o capital, o dinheiro é a medida do mais-valor, do lucro que pode realizar-se por meio da produção. Apesar de não custar nenhum trabalho, o pagamento por uma parcela de terra tem o preço correspondente à renda da terra capitalizada. O mesmo ocorre com uma grande empresa. Se sua produção, custa, digamos, 100 mil francos (cem ações de mil francos por pessoa), e se realiza um retorno de 10%, uma parte não será vendida por 1 mil francos e sim cerca de 2 mil francos, pois esse valor fornece 5% do rendimento e o valor capitalista da empresa inteira é 200 mil francos, ainda que tenham custado apenas 100 mil francos. Sabemos que, na formação de novas empresas, os bancos colocam essas diferenças em seus bolsos pelo adiantamento, como “lucro de fundadores”, enquanto a lançam no mercado (no exemplo citado) pelo valor em ações de 200 mil francos. Por outro lado, se o lucro desta empresa cai ainda mais, por exemplo, pela competição vitoriosa das corporações muito maiores – até que não pode já produzir mais de um 1% dividendo, seu valor capitalista cai a 20 mil francos.

Se o lucro – uma abstração realizada na esperança de prosperidade futura, que pode deduzir-se por adiantado para uma certa soma – desaparece completamente, o valor capitalista da empresa cai a zero, e só o valor material do inventário pode ainda ser realizado. Assim, *a propriedade capitalista significa não o direito de dispor de objetos, mas sim o direito de um excedente sem trabalho, a um mais-valor*. Sua forma é a ação, o papel em que está escrito esse direito. A empresa e a fábrica são só o instrumento através do qual se produz mais-valor; a propriedade mesma é o direito ao

mais-valor. A abolição da exploração, a abolição deste direito, é, por conseguinte, a abolição do valor capitalista, a confiscação do capital.

Podemos entender do seguinte modo o método de Otto Bauer: ele confunde na mesma posição esse capital e os reduzidos centavos dos pequenos poupadores – que pensam principalmente em salvaguardar sua propriedade e não em receber um excedente sem trabalho – para fazer tremer os funcionários sindicais, através da identificação frente a um ataque contra a exploração. A abolição da propriedade capitalista e a supressão da exploração não são, portanto, causa e efeito, meio e fim, mas apenas uma e mesma coisa. A propriedade capitalista só existe através da exploração, seu valor está fixado pelo mais-valor. Se o mais-valor desaparece sob alguma forma não especificada, se o proletário recebe o produto completo de seu trabalho, a propriedade capitalista desaparecerá ao mesmo tempo. Se o proletariado melhor tanto suas condições de trabalho que as empresas já não proporcionam um lucro sobre o capital, seu valor capitalista cairá à zero; *as fábricas podem ser úteis para a sociedade, porém, terão perdido seu valor para os capitalistas*. O dinheiro perde então a habilidade de produzir mais dinheiro, maior quantum de mais-valor, pois os operários já não permitem serem explorados. *Esta é a expropriação que Marx pensava*. A propriedade capitalista será suprimida porque o capitalista não obterá valor, lucro. Esta expropriação econômica através da qual a propriedade perde seu valor e é conseqüentemente destruída, ainda que o direito de livre disposição permaneça, é o oposto da expropriação legal aplicada frequentemente no mundo capitalista, por meio do qual o direito de livre disposição é anulado enquanto que se permite à propriedade permanecer através da compensação.

Não é demais acrescentar que as expropriações legais também ocorrerão na transição ao socialismo. O poder político do proletariado tomará todas as medidas que sejam uteis para a abolição da exploração. Não se satisfará só com limitar o direito dos antigos patrões à livre exploração, através da regularização dos salários, horas de trabalho e preços; eles serão abolidos completamente. A base econômica destas medidas é assentada pelo que as precede; não se trata de confiscação de toda a propriedade, como pensa o pequeno-burguês assustado, mas a abolição de qualquer direito ao mais-

valor, a um excedente não produzido pelo próprio trabalho. Esta é a expressão legal do fato político de que o proletariado é o dono e de que já não permitirá que o explorem.

Socialização ou Socialismo?

A socialização, segundo a receita de Bauer, é a expropriação legal sem expropriação econômica, é o que qualquer governo burguês pode propor. O valor capitalista das empresas será pago aos patrões em compensação e de agora em diante receberão como juros sobre bônus o que anteriormente recebiam como lucro. A alusão a que não terão em conta os bônus de guerra demonstra que o lucro normal será tido como norma. *Esta socialização substitui o capitalismo privado pelo capitalismo de Estado; o Estado assume a tarefa de extrair lucro dos operários e repassá-los aos capitalistas.* Para os operários, pouco mudará, terão que produzir tal como antes um excedente sem trabalho para os capitalistas. A exploração permanece exatamente como antes.

Se tal proposta fosse feita em tempos de prosperidade capitalista, ela seria aceitável para o proletariado; sendo fixada a proporção de mais-valor momentâneo readquirido como capital, qualquer novo incremento na produtividade por meio da organização ou do progresso técnico, beneficiaria ao proletariado. Porém, a burguesia não o considerou então porque exigia estas vantagens para si mesmas. Agora as condições são diferentes, o mais-valor está correndo perigo. O caos econômico, a perda de mercados e matérias-primas, o pesado tributo devido ao capital das potências da Entente [as indenizações de guerra, nota do trad.], nos permite prever uma redução do lucro capitalista. a revolta das massas operárias e o começo da revolução proletária, que colocará em questão toda exploração, somente se acrescentam a tal situação.

A socialização vem agora no momento certo para assegurar ao capital seu lucro sob a forma de interesse do Estado. Um governo comunista, como o da Rússia, assegura imediatamente os resultados do novo poder proletário e a liberdade negando-a ao capital qualquer direito de exploração. Um governo social-democrata assegura a velha escravidão proletária perpetuando o velho tributo que pagam ao capital ao mesmo tempo em que tem que desaparecer. A socialização não é nada mais que a expressão legal do fato político de que o proletariado só é dono nominalmente e está pronto para deixar-se, silenciosamente, continuar sendo explorado. Assim como o governo

“socialista” é só a continuação da velha dominação burguesa sob a bandeira socialista, a “socialização” é só a continuação da velha exploração burguesa sob a bandeira socialista.

Se nos perguntamos: como podem políticos inteligentes e anteriormente marxistas chegar a pensar deste modo? Ao conhecer o caráter político desta tendência, que tomou forma no Partido Socialista Independente, ficamos sabendo da resposta. Era radical no nome e serviu de porta-voz da luta de classe; porém, temia qualquer luta radical. Isto já ocorria antes da guerra, quando o “centro marxista”, Kautsky, Haase e seus amigos, se opuseram à ala radical de esquerda. Atualmente ocorre o mesmo. Anseiam trazer o socialismo aos operários, mas temem a luta contra a burguesia. Percebem muito bem que uma genuína supressão de todo lucro capitalista, uma confiscação do capital como a que se conseguiu na Rússia, envolveria a burguesia em uma luta violenta, pois isto colocaria em questão sua existência, sua vida ou sua morte como classe. Consideram o proletariado demasiado débil e, por conseguinte, buscam conquistar o objetivo através de desvios, enquanto o entrega apetitoso à burguesia.

Politicamente, os planos para a socialização são uma intenção de direcionar o proletariado ao objetivo socialista sem ameaçar nenhum nervo vital da burguesia, sem provocar sua ira violenta, evitando, assim, por tal meio, a luta de classes violenta. A intenção seria louvável se fosse factível. Porém, se considerarmos tudo o que seria necessário para o tributo capitalista: os juros devido aos anteriores proprietários capitalistas dos meios de produção, o juro devido pelos empréstimos de guerra, o tributo devido ao capital das potências da Entente, podemos ver que não pode ser realizado em absoluto, nem inclusive através de um trabalho mais intensivo e uma vida mais pobre para o proletariado.

Com a atual destruição da vida econômica e da força corporal das massas, a abolição imediata de todo parasitismo é uma necessidade urgente para a reconstrução da sociedade. Porém, ainda que esqueçamos este especial estado de miséria e não consideremos a socialização como uma medida inicial da revolução proletária, ou como o primeiro passo ao socialismo, sua impossibilidade reaparece claramente enquanto o proletariado ainda não tenha adquirido toda sua força. Quando os operários despertarem

e se levantarem pela liberdade e independência, poderão apresentar demandas para melhorar suas vidas e condições de trabalho. Estas melhorias diminuirão imediatamente os lucros. O Estado “socialista” pode ser capaz de chamar-lhes para trabalhar com uma intensidade crescente, porém, ocorrerá o oposto.

Quando a coação capitalista já não impera com um punho de ferro, a tensão inumana da exploração relaxará, o trabalho diminuirá e se tornará mais humano. A relação e o lucro das empresas serão demolidos. Sem a socialização, os capitalistas privados sofrerão perdas, porém com o Estado tendo que lhes pagar os juros precedentes, é o Estado “socialista” o que, apesar do início da revolução dos trabalhadores, lhe assegura seus juros, e é quem sofrerá as perdas. Lhe restará uma opção: opor-se às demandas, suprimir as greves e converter-se em um governo violento em nome do capital e contra o proletariado, ou então cair em uma inevitável bancarrota estatal. Então a burguesia gritará, em alto e bom som, mais uma vez, o seu triunfo, pois a impossibilidade de “socializar” foi demonstrando na prática.

Este será o resultado do astuto esforço por levar a algum tipo de socialismo enquanto se evita a luta de classes. Uma socialização que quer poupar os lucros da burguesia não pode ser uma via ao socialismo. Não há outro caminho para abolir a exploração do que levar a cabo uma luta de classes implacável.